

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

286

INSCRIÇÕES 941-942



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2026

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



TESTEMUNHO VOTIVO A DEIDADE INDÍGENA
EM SEGURA, IDANHA-A-NOVA
(*ciuitas Igaeditanorum, conuentus Emeritensis, Lusitania*)

Encontra-se, em reaproveitamento, numa casa de habitação de Segura, concelho de Idanha-a-Nova, como material pétreo de construção, um fragmento de inscrição romana que foi identificado através de informação constante em recente monografia sobre a história da localidade da autoria de Carlos Madeira¹. Na obra apenas se referencia, em legenda na foto da inscrição, a existência de “epigrafia desconhecida” na fachada de uma das ruas da aldeia.

A casa, de rés-do-chão e primeiro andar, situa-se no miolo urbano de Segura, correspondendo ao nº 39 da rua de Santo António (coordenadas geográficas WGS84: 40° 07' 14.50”, 7° 32' 44.15”; altitude: 591 m), encontrando-se sem ocupação permanente. O fragmento epigrafado, de granito de grão médio, permanece integrado na fachada principal, que é voltada a nascente, sensivelmente a meio da sua altura, acima do vão da porta de entrada e a uma altura intermédia entre as duas janelas que se integram, uma em cada piso, na metade direita da casa. Houve preocupação, decerto em face da sua identificação durante obras de melhoramento com substituição do reboco da fachada,

¹ Madeira, C., *Segura: uma história esquecida na raia*, Idanha-a-Nova, 2024. Na p. 79 apresenta fotografia do fragmento epigráfico objeto deste estudo. Agradecemos o apoio dado pelo sr. Joaquim Afonso, digníssimo Presidente da Santa Casa da Misericórdia de Segura, durante os trabalhos de registo.

em a deixar visível, criando uma aberta de observação oblonga, isenta de rebocadura.

O seu contexto original é desconhecido, bem como toda a história do reaproveitamento, sendo admissível a relação com algum dos arqueossítios de época romana do território adjacente, não se reconhecendo outros vestígios da mesma época na elevação em que se implanta a aldeia, sobranceira à ponte do período romano que une as margens do rio Erges, conhecida como ponte de Segura².

Na área da freguesia há, porém, outros achados epigráficos relevantes. O mais recentemente identificado corresponde ao altar possivelmente votivo reaproveitado do calvário da aldeia³, mas na capela de Santa Marinha, no termo da freguesia, encontram-se mais dois altares, com a dedicatória *Erbine Iaedi Cantibedone*, havendo um outro das imediações que se tem considerado anepígrafo⁴.

Afigura-se-nos tratar-se de um fragmento de inscrição votiva, pelo que verosimilmente, e como decorre da própria informação textual, corresponderá ao fuste de uma ara ([15]x[26]x22 cm) decerto truncado na sua tridimensionalidade, uma vez que se conservam cinco linhas de texto todas elas incompletas.

Ainda assim, é possível percecionar o sentido do texto, que não deve estar demasiado amputado em cada um dos lados. As duas primeiras linhas estarão completas, embora na primeira os caracteres não se conservem a toda a altura e, na segunda, a

² Sobre a ponte, hoje internacional, de Segura veja-se, entre outros: Durán Fuentes, M., Puentes romanos peninsulares: tipología y construcción, in *Actas del I Congreso Nacional de Historia de la Construcción*, Madrid, 1996, 167-178; Gimeno Pascual, H., Obras de reedificación del puente de Segura sobre el río Eljas en el siglo XVI, *Conimbriga*, 36, 1997, 191-200; Pizzo, A., Construcción, innovación y circulación de mano de obra en los puentes romanos de la Lusitania: los casos de Mérida, Aljucén, Alconétar, Segura y Vila Formosa, *Madridider Mitteilungen*, 56, 2015, 342-375.

³ Encarnação, J. d', Chambino, M. e Henriques, F., Duas novas epígrafes do concelho de Idanha-a-Nova, *Açafa On Line*, 4, 2011, 1-18. Disponível em: https://www.altotejo.org/acaafa/docsn4/Duas_novas_epigrafes_de_Idanha-a-Nova.pdf [consultado em 25-08-25].

⁴ *Igaed* 4, 5 e 269 (= Sá, A. M., *Ciuitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova, 2007).

primeira letra esteja incompleta. Estimamos a possibilidade de haver falta de um carácter no final da seguinte e de dois no início da que vem depois, sendo a última observável a que tem maior incompletude.

A leitura interpretada que fazemos da inscrição é a seguinte:

ΑΡΑΜ
ΤΟΓΑΕ
ΕΒΥΡΟΒ[Ρ(icae)]
[GA?]ΛΛΙΓΑ
[---]CΙ [F(ilia)?]
[---]

A Toga Eburóbrica, Galiga (?), filha de [---]co (colocou o) altar.

Altura das letras (cm): l. 1: 3; l. 2: 6; l. 3: 4,6; l. 4: 5,6 (último carácter = 4,8); l. 5: 3,8.

Espaços interlineares (cm): 1:1,6; 2: 1,9; 3: 1,9; 4: 1,8.

O texto observa-se dividido por cinco linhas. Não sendo possível inferir grande coisa quanto à paginação por desconhecermos os limites da superfície epigrafada, percebe-se, porém, uma certa regularidade dos espaçamentos interlineares. A gravação observável onde a pedra sofreu menor desagregação granular é larga, profunda e biselada. Os *ductus* denotam irregularidade a que a matéria do suporte não será alheia. Veja-se, por exemplo, que a circularidade patente no O da segunda linha não é mantida na terceira.

Também o G da segunda linha, de extremidades achatadas e perna indicada por traço oblíquo sobre a inferior, se distingue do da quarta, com a extremidade superior levantada e a inferior curva e ligada a sulco oblíquo como o anterior. Tal como os II, igualmente os LL apresentam haste ligeiramente encurvada e lançada para a frente, tendo as barras muito curtas. Também as hastes do RR mostram inclinação para a frente, sendo as panças pouco regulares e as pernas lançadas. Os BB mostram panças contidas, equilibradas entre si, e as hastes praticamente verticais. O A da segunda linha, o único completo, apresenta travessão encurvado a meio da altura; o da quarta também apresenta travessão idêntico; os da primeira linha são de módulo inferior, observando-se, do primeiro, a haste direita e parte da esquerda,

e, do segundo, parte da haste esquerda, estando aparentemente ambos sem travessão. Um ténue sulco inclinado para a direita, posicionado à frente do segundo A desta linha inicial, indicia ter feito parte do M que completaria a palavra. Na seguinte, o E, mostra barras curtas e aparentemente com larguras idênticas. O V da terceira linha caracteriza-se pelo equilíbrio entre as hastes. Na última linha, os resquícios de letras são, com relativa segurança, um C e um I, afigurando-se que este poderá estar seguido por um ponto. Na segunda linha afigura-se, ainda, vislumbrar-se um resto do T inicial, designadamente do arranque da barra, que se concebe não muito larga.

A superfície epigráfica visível, apesar de atrofiada, permite-nos entender a estrutura do texto epigrafado. Um dos aspetos mais notórios do mesmo é o claro destaque dado à segunda linha com emprego de um módulo distinto, o que é indicatório da vontade de valorizar o conteúdo aí gravado, que contém, em nosso entender, a forma teonímica *Togae*, desde logo porque é antecedida do acusativo *aram* e por a forma de base toponímica que se lhe segue, e para a qual admitimos estar ainda em falta um carácter, permitir que se interprete como epíteto deste nome indígena com incidência regional.

O texto inicia-se, assim, com a identificação do suporte que foi dedicado e a menção da divindade, cuja nomenclatura é constituída por teónimo e epíteto, seguindo-se o nome de quem intervém neste ato, plausivelmente de estatuto peregrino. O texto completar-se-ia com mais uma linha na qual existiria uma fórmula final, possivelmente reduzida a iniciais, em que se incluiria, decerto, a forma verbal *posuit*, a justificar o acusativo do início do texto.

A divindade que é objeto da dedicatória tem expressão regional. São quatro os testemunhos existentes. De sul para norte, reconhece-se na *Ammaia*⁵, *ciuitas* a sul da dos Igeditanos, em San Martín de Trevejo⁶ e Valverde del Fresno⁷, na vizinha *ciuitas* de *Caurium*, em Torremenga⁸, já mais a oriente, no *territorium*

⁵ *CIL* II, 801 = *RAP* 194 = *HEp* 2001, 698.

⁶ *CILCaceres* IV, 1286.

⁷ *FE* 12, 49 = *AE* 1985, 539 = *CILCaceres* IV, 1299.

⁸ Blázquez, J. M., Últimas aportaciones a las religiones primitivas de Hispania,

de *Augustobriga*, e em Martiago⁹, em terras salmantinas. Tal como nesta inscrição, o ambiente social em que se integram as dedicatórias é peregrino.

A etimologia do teónimo tem concitado acordo na relação com o indo-europeu **(s)togaH* “encobrimento, proteção”, substantivo verbal de **(s)teg-* “cobrir”, que poderá entender-se como personificação de um fenómeno da natureza, sendo especificamente proposta a relação com penhascos¹⁰.

Apenas na dedicatória de *Ammaia*, realizada por *Nouela Anniae liberta*, o teónimo é acompanhado por epíteto. A leitura *Togae Almae* é hoje insustentável em face de uma segura grafia ALENES, que já se propôs interpretar como *Alene(n)s(i)* (*HEp* 2011, 698), embora nos pareça mais criterioso, até à luz no novo testemunho, considerar como *Alenes(icae)*, não sendo viável a atribuição antroponímica recentemente proposta (Mantas 2018, 62-63, nº 10).

O epíteto do testemunho que nos ocupa tem uma manifesta base toponímica que também não é alheia ao contexto regional. Em território do Fundão, no Castelejo, há registo da dedicatória *Arentio et Arentiae Eburobris*¹¹, sendo facilmente reconhecível que o epíteto plural corresponde ao derivado de um topónimo **Eburobris*, em que se identifica o primeiro elemento **eburo* “teixo” e o sufixo **brig-* “elevação, castro”.

Afigura-se equacionável que o nome invocado em Segura possa ter origem mais setentrional, precisamente já em território dos *Lancienses Oppidani*, coincidindo com aquele paralelo para o epíteto, mas a inversa seria igualmente possível se tivesse tido este lugar uma ocupação proto-histórica, por ora não revelada.

A dedicatória tem por fazedora uma mulher de estatuto peregrino cujo idionimo não é possível asseverar, nem tão pouco o patronímico. Deste apenas restam os dois últimos grafemas,

Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano, Cáceres 1979, 165, nº 253.

⁹ *AE* 1955, 235.

¹⁰ Blanca Maria Prósper, *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002, pp. 199-200.

¹¹ Salvado, P., Rosa, J. M. e Guerra, A., Um monumento votivo a Arância e Arâncio, proveniente de Castelejo (concelho do Fundão), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:2, 2004 237-242 = *AE* 2004 721.

incluindo a desinência de genitivo. Para o idiônimo, uma forma sonorizada de *Gallica* poderá ser admissível em face de ausência de alternativas conhecidas para a sequência *-lliga*, conhecendo-se essa forma num mosaico funerário norte-africano, embora baixo-imperial¹². Como nome único, a forma masculina *Gallicus* identifica-se no vale do Guadiana¹³. Aqui documenta-se também uma forma *Vellicus* como cognome¹⁴, aproximável de outra que tem registo num documento testamentário norte-africano¹⁵ e está associada a um escravo lusitano, *Bellicus*, mas sem outros testemunhos epigráficos na Lusitânia. Contrariamente à anterior, registam-se formas de feminino para esta em diversos contextos imperiais.

A datação da inscrição, pela sua estrutura e características paleográficas, poderá centrar-se no século II d. C. É, ainda, de realçar que este testemunho alarga o leque de deidades indígenas conhecidas em diversos pontos do *territorium* da *ciuitas* dos *Igaeditani* e ajuda a redimensionar a geografia do culto a esta divindade.

JOAQUIM MANUEL BAPTISTA*

PEDRO MIGUEL SALVADO**

ARMANDO REDENTOR***

¹² *AE* 2011, 1555: *Galliga in pace* (África Proconsular).

¹³ *IRCSerpa* 7.

¹⁴ *IRCP* 115.

¹⁵ *AE* 2016, 2031

* Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

** Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão.

*** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra – CEIS20.

<https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>.



FIG. 1 – Posicionamento do fragmento de ara funerária na fachada da casa em que se encontra reaproveitado (Google Street View) © A. Redentor



FIG. 2 – Vista frontal do fragmento epigrafado. © A. Redentor